

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)
Ana Paula Tavares
(ANGOLA)
Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)
Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)
Germano Almeida
(CABO VERDE)
Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)
Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)
Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)
José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)
Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)
Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)
Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)
Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)
Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)
Massaud Moisés
(USP-BRASIL)
Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)
Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso

13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Tel.: 21 782 35 67
E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt
www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design
(a partir de uma obra de Mimi Tavares)

IMPRESSÃO Norprint - a casa do livro

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

EDITORIAL

Reúne-se, neste número da revista *Colóquio/Letras*, um significativo conjunto de artigos sobre alguns grandes escritores do século XX e início deste século.

Alexandre O'Neill é celebrado num dossiê onde, além de estudos que apresentam a sua obra em aspetos diversos, são revelados cartas e poemas inéditos da juventude, de grande importância para o conhecimento desse período de formação.

Tendo como interlocutores dois amigos, Luiz Pedreira e o físico António Manuel Baptista, as cartas são dadas a conhecer pela biógrafa de O'Neill, Maria Antónia Oliveira, e cedidas por Cristina Ovídio, filha do cientista, também ele humanista com obra publicada.

O grande amigo do autor de *Feira Cabisbaixa*, Antonio Tabucchi, a quem a Fundação Calouste Gulbenkian dedicou um colóquio em abril passado, tem aqui lugar de destaque com um ensaio sobre *Requiem* e o desafio que foi ter escrito em português esse belo romance em busca de um Pessoa perdido.

Dos muitos outros artigos e notas, e porque se celebra este ano o 20.º aniversário do Nobel atribuído a José Saramago, quero referir o extenso estudo de Diogo Sardinha que parte da *Jangada de Pedra* para refletir sobre a Ibéria, a Europa e o mito imperial; a juntar a este texto de ampla perspetiva cultural e filosófica temos um diálogo entre Edgar Morin e Eduardo Lourenço, em torno de Eros e Thanatos e do papel da arte no mundo contemporâneo.

Também Óscar Lopes, de quem se evocaram em 2017 os 100 anos do nascimento, comemorados com a edição pela Câmara Municipal de Matosinhos de uma excelente fotobiografia, *Retrato de Rosto*, é lembrado num artigo a propósito do seu diálogo (talvez) difícil com Vergílio Ferreira.

Será um novo número de *Colóquio/Letras* para guardar, quer pela novidade das informações, quer pela atenção ao que é, de facto, fundamental na nossa literatura e faz dela um mundo a ter cada vez mais em conta para sairmos daquilo a que, num contexto bem diverso do livro de Tabucchi com esse nome, podíamos chamar «pequenos equívocos sem importância».

Nuno Júdice

SUMÁRIO

ALEXANDRE O'NEILL

9 Ao pé da letra: a emergência da visualidade em Alexandre O'Neill
Sara Lacerda Campino

18 O'Neill e o soneto
Joana Meirim

30 O singular caso do ladrão do pão
Sebastião Belfort Cerqueira

DOCUMENTOS

45 O anjo do ócio: sete cartas e outros documentos inéditos de Alexandre O'Neill apresentados por *Maria Antónia Oliveira*

91 Uma coisa em forma de endosso
Vasco Rosa

ARTIGOS

99 Exercícios e transformações do olhar: Rilke e o «Einschauen»
Nuno Crespo

109 Vergílio Ferreira: um interlocutor difícil para Óscar Lopes?
Jorge Costa Lopes

119 Que fazer com uma jangada de pedra?
Diogo Sardinha

136 «Um universo numa sílaba»: 'Requiem' de Antonio Tabucchi e a reflexão de escrever numa outra língua
Ana Maria Delgado

152 A «bela e nunca por demais celebrada cidade de Lisboa» na ficção de Mário de Carvalho
Ricardo Nobre

164 'Os Memoráveis' de Lídia Jorge. Em busca da revolução (quase) perdida: mito, tempo e memória
José Cândido de Oliveira Martins

POESIA

177 *Rosa Oliveira*

DIÁLOGO

185 Eduardo Lourenço/Edgar Morin: tomar o partido por Eros e de como a arte é o insuportável transfigurado
Ana Marques Gastão

NOTAS & COMENTÁRIOS

199 'As Pupilas do Senhor Reitor' de Júlio Dinis: um sucesso com 150 anos
Ana Salgueiro da Silva

206 Estudos camilianos de Alexandre Cabral
José Cândido de Oliveira Martins

214 Vasco Gato ou o nome perdido das coisas
Rita Taborda Duarte

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

POESIA

227 *Nada Tem já Encanto. Poemas Escolhidos*, Rui Knopfli
ANTÓNIO CABRITA

230 *Preparação para a Noite*, Jaime Rocha
MARIA ETELVINA SANTOS

233 *100 Maneiras de Usar o Amor em Portugal*, Carlos Mota de Oliveira
MIGUEL MARTINS

235 *A Rosa de Paracelso*, Ricardo Gil Soeiro
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

238 *Tardio*, Rosa Oliveira
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ

241 *Suite sem Vista*, Inês Fonseca Santos
RITA TABORDA DUARTE

245 *O Livro das Mãos*, Gisela Gracias Ramos Rosa
MARIA TERESA DIAS FURTADO

FICÇÃO

246 *Autópsia de Um Mar de Ruínas*, João de Melo
PAULO SERRA

249 *As Pessoas do Drama*, H. G. Cancela
JOÃO OLIVEIRA DUARTE

252 *A Luz Vem das Pedras*, António Canteiro
MANUEL FRIAS MARTINS

254 *Teatro Vertical*, Manuel Alberto Vieira
LUÍS MOURÃO

257 *Hoje Estarás Comigo no Paraíso*, Bruno Vieira Amaral
ANA MARGARIDA DE CARVALHO

259 *A Queda de Um Homem*, Luís Osório
GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

TEATRO

262 *A Origem do Mundo*, Ana Rocha
JOSÉ GIL

DIÁRIO

265 *Um Punhado de Areia nas Mãos*, Maria João Ruivo
ISABEL PONCE DE LEÃO

BIOGRAFIA

267 *Manuel Teixeira-Gomes — Biografia*, José Alberto Quaresma
MARISA DAS NEVES HENRIQUES

ENSAIO

269 *Cinzento e Dourado. Raul Brandão em Foco nos 150 Anos do Seu Nascimento*, Vasco Rosa
PEDRO EIRAS

- 272 *O Essencial sobre Vergílio Ferreira*, Helder Godinho
ISABEL CRISTINA RODRIGUES
- 273 *E a Minha Festa de Homenagem? Ensaio para Alexandre O'Neill*,
org. Joana Meirim
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 276 *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Miguel Real
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA
- LITERATURA CABO-VERDIANA
- FICÇÃO
- 280 *regresso ao Paraíso*, Germano Almeida
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR
- LITERATURA ANGOLANA
- CRÓNICA
- 282 *O Beijo de Madame Ki-Zerbo*, Adriano Mixinge
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR
- LITERATURA BRASILEIRA
- ENSAIO
- 285 *Genealogia da Ferocidade. Ensaio sobre 'Grande Sertão: Veredas'*
de Guimarães Rosa, Silviano Santiago
CLARA ROWLAND

AGRADECIMENTOS: A Mimi Tavares pela autorização gentilmente concedida para reprodução das suas obras. À família de Alexandre O'Neill, a Maria do Rosário Pedreira, Cristina Ovídio, Márcia Lessa, Raul Lourenço e Luis Manuel Gaspar.

a Mulher, Deus e a figura do Pai, signos todos eles, na singular cosmovisão vergiliana, de uma Presença reiteradamente ausente.

Dotada de uma organicidade interna que viabiliza a expressão textual de um movimento evolutivo não contraditório, a obra de Vergílio Ferreira apresenta uma densidade filosófica, uma intensidade lírica e uma capacidade de criação ficcional em processo de mútua contaminação, irmanando o rosto do romance-problema ao do ensaio poético, ou de deste último ao do romance-problema. Helder Godinho, ao referir-se à obra do escritor como um livro único (ainda que essa unicidade se revele através da textualização de andamentos distintos), é isso mesmo que defende: que à produção literária do autor de *Para Sempre* preside o sentido episódico de um retorno com variação, um «eterno retorno que transforma a obra de Vergílio Ferreira num único livro [...] que evolui e se transforma no tempo e na temática dos vários livros, mas sem perder nunca o que poderíamos chamar a sua *ipseidade*» (46).

Sendo, como é, um profundo conhecedor da obra vergiliana e o máximo responsável pela divulgação dos documentos constantes do espólio literário do escritor, Helder Godinho completa ainda este seu texto com uma série de informações hoje em dia já disponíveis para o público leitor, mas que só foi possível conhecer na sequência da edição crítico-genética de certos materiais do espólio de Vergílio Ferreira — é o caso de *Promessa. Romance Inédito* (1947), publicado em 2010 em edição de Fernanda Irene Fonseca e Helder Godinho, e que vem demonstrar, por exemplo, que a inflexão atribuída ao romance *Mudança*, de 1949, estava já de certo modo prevista no romance escrito (mas não publicado) dois anos antes.

Deste modo, quer os leitores do volume *O Essencial sobre Vergílio Ferreira* se

acerquem das suas páginas com o intuito de se adentrarem nos meandros de uma obra ainda por conhecer, quer venham a procurar nelas a visão sintetizadora de um autor com o qual mantêm já um convívio assíduo, encontrarão nelas o eco da sua própria busca em forma de resposta ou esclarecimento. Para isso contribui também o facto de Helder Godinho ter decidido, num livro necessariamente breve, dar voz à voz do próprio escritor em longas citações. Estas acabam por iluminar e caucionar as linhas orientadoras que sustentam o traçado do percurso criativo de Vergílio Ferreira proposto por este reconhecido estudioso da sua obra.

Isabel Cristina Rodrigues

NOTA

- ¹ *Um Escritor Apresenta-Se*, apres., pref. e notas de Maria da Glória Padrão, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, p. 207.

E A MINHA FESTA DE HOMENAGEM?

ENSAIOS PARA ALEXANDRE O'NEILL

Organização de Joana Meirim

Lisboa, Tinta-da-China / 2017

Nascido em 1924, um ano depois de Mário Cesariny e um ano antes de Luiz Pacheco, Alexandre O'Neill fez parte daquela geração que em Lisboa chegou ao final da guerra com vinte anos. Entusiasmada com as derrotas das potências do eixo, ela chegou à idade adulta na crença de que uma nova idade social se abria à Europa, com o inevitável desabar do fascismo na Península. As manifestações de rua de Maio de 1945 que saudaram em Lisboa e no resto do país a vitória dos Aliados foram a pequena explosão a que teve direito esta geração, cuja formação inicial foi feita sobretudo com a anterior, a do Novo Can-

cioneiro. O grupo de O'Neill chegou ao final da guerra atento ao neo-realismo, em simpatia aberta com os seus ideais, mas insatisfeito com os seus caminhos estéticos e à procura dum espaço só seu.

No Outono de 1946 saiu em Lisboa uma colectânea, *Bloco*, organizada por Luiz Pacheco e Jaime Salazar Sampaio e participada entre outros por José Cardoso Pires, Maria Natália Duarte Silva e Matilde Rosa Araújo, que é talvez a primeira manifestação pública desta nova geração lisboeta. Foi por causa deste livro que Luiz Pacheco e Mário Cesariny se conheceram em 1946 no Grupo Dramático Lisbonense, em cuja sede perto da Rua da Escola Politécnica o grupo coral de Lopes-Graça, ao qual o poeta de *Titânia* pertencia, ensaiava. Segundo a versão de O'Neill, foi também aí que ele conheceu no final de 1946 ou no início de 1947 Cesariny. Este, que fizera já crítica no jornal *A Tarde* e na revista *Aqui e Além* em 1945 e 1946, era então colaborador da *Seara Nova*, com recensões sobre os serões musicais que Lopes-Graça promovia em Lisboa. Embora os poemas de «Nobilíssima Visão» e de Nicolau Cansado sejam desta fase, tanto quanto se sabe nunca até aí dera a conhecer versos seus (a não ser em cartas privadas a Cruzeiro Seixas). O'Neill por sua vez era apenas autor de versos, primeiro no jornal *A Flor do Tâmega* (1942), depois no jornal *Castelovidense* (1944) e na revista *Litoral* (1945)¹. Só em Maio de 1947 aparecerá a fazer crítica de cinema na *Seara Nova*, talvez por indicação de Cesariny e de forma muito passageira.

Foi nessa Primavera que O'Neill deu a conhecer a Cesariny o livrinho de Maurice Nadeau, *Histoire du Surréalisme*, que aparecera pouco antes em França. O livro correu alguns outros — António Domingues e João Moniz Pereira — e o efeito foi fulminante. Nasceu assim no Outono o Grupo Surrealista de Lisboa (GSL), depois

duma viagem a Paris de Mário Cesariny, onde contactou André Breton e Victor Brauner, e de O'Neill, em Lisboa, já com Fernando de Azevedo e Marcelino Vespeira ao lado, ter cooptado António Pedro — e com este veio José-Augusto França. Cesariny e Domingues não chegaram a festejar o primeiro aniversário do grupo, já que no Verão de 48 se afastaram e se juntaram a alguns outros — Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, António Maria Lisboa, Fernando Alves dos Santos, Henrique Riques Pereira —, criando um núcleo novo, «Os Surrealistas». Deixando de lado o romance-colagem *A Ampola Miraculosa* (1950), nunca reeditado pelo autor, só no final de 1951, quando o GSL já desaparecera, O'Neill se estreou em livro, com *Tempo de Fantasmas*, onde o surrealismo tem presença fulgurante, não obstante o prefácio, «Pequeno Aviso do Autor ao Leitor», se mostrar muito severo com ele.

Tome o leitor os parágrafos anteriores como uma introdução geral que nos permite perceber que quando falamos da obra de O'Neill — como da de Cesariny ou da de Domingues — estamos a falar dum feixe complexo de elementos muitas vezes em aguda tensão entre si. Este grupo bebeu num movimento de ideias já consolidado, o neo-realismo, mas mostrou-se desde logo insatisfeito com a sua expressão, decidindo procurar por sua conta e risco alternativas às duas culturas dominantes — a do salazarismo, de herança integralista e modernista, que acabara de ter um momento alto na Exposição do Mundo Português em 1940, e a da oposição, marcada pelas orientações do realismo social que vinham da combativa imprensa operária da primeira República e dera escritores como Campos Lima e Ferreira de Castro. O surrealismo foi a opção que melhor respondeu às suas aspirações, já que libertou o território da expressão de qualquer entrave ao mesmo tempo

que aceitou e extremou o compromisso político. Se *Presença* e *Cadernos de Poesia*, coevos estes do Novo Cancioneiro, não puderam ser a alternativa que esta geração lisboeta procurava foi porque na linha do esteticismo separavam a estética da política e defendiam a absoluta neutralidade da arte diante da esfera social. O caso de O'Neill é talvez o mais complexo, pois se foi ele o primeiro a assumir o surrealismo não deixou depois de o bicar. O *pequeno aviso* do seu livro de estreia, tão ácido, não é senão a manifestação perfunctória duma prática muito mais essencial e subterrânea que chamou a si elementos duma tradição clássica e naturalista, que foram aliás as vias por onde outros da mesma geração — Cardoso Pires, mas também o Luiz Pacheco d'O *Libertino* — seguiram.

O livro que agora se editou, *E a Minha Festa de Homenagem? Ensaios para Alexandre O'Neill*, não podia senão refractar este foco de luz que foi a obra de O'Neill. Os ensaios dos autores presentes — Alexandra Lopes, Burghard Baltrusch, Carlos Nogueira, Clara Rocha, Fernando Cabral Martins, Fernando J. B. Martinho, Graça Videira Lopes, Gustavo Rubim, Joana Meirim, Miguel Tamen, Miguel-Pedro Quadrio, Nuno Amado, Ramiro S. Osório, Sara Lacerda Campino, Sebastião Belfort Cerqueira — são o meio que refracta a obra. É impossível numa curta resenha dar conta de cada um deles e esmiuçar caso a caso o seu contributo. Permito-me seleccionar alguns, que não têm por força de ser os melhores, mas que têm a vantagem de suscitar questões talvez decisivas na leitura de O'Neill. Como quer que seja, diga-se que todos estes ensaios mantêm bom nível de abordagem, todos têm incidência eficaz, todos contribuem para alargar a leitura compreensiva de O'Neill. Com a absoluta excepção do curiosíssimo texto final de Ramiro S. Osório — edição de apócrifos do homenageado —,

demasiado pessoal para ser sintomático, todos são também representativos das tendências da crítica literária entre nós, muito dominada pela atenção aos códigos estruturantes da linguagem e pouco atenta aos seus nexos contextuais.

Em primeiro lugar, o estudo de Fernando J. B. Martinho, «Alexandre O'Neill e Pessoa» (23-35), que datando de 1985 não perdeu nem interesse nem actualidade. A conclusão a que chega — «Alexandre O'Neill não será certamente dos que mais *devem* ao criador dos heterónimos» (33) — é talvez crucial para se perceber a autonomia deste subgrupo lisboeta dentro da poesia da sua geração, a dos anos 50, toda muito tocada pela sombra do autor de *Mensagem*. Mesmo Cesariny, que o estudioso avalia como mais próximo de Pessoa, acabou por sofrer os desenvolvimentos que sabemos. Nesta direcção saliente-se o informado trabalho de Miguel-Pedro Quadrio, «'Congresso de gaivotas neste céu': A Crítica, O'Neill, 1978, *Jesus Cristo em Lisboa*» (87-102), sobretudo a segunda parte, que fornece valiosos elementos sobre a peça *Jesus Cristo em Lisboa*, escrita a quatro mãos por Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes, e reescrita em 1978 por O'Neill e Mendes de Carvalho. Além de se ter estreado como poeta no mesmo jornal que Teixeira de Pascoaes e com a mesma idade, O'Neill foi com Francisco da Cunha Leão seu antologista. Sabe-se o papel que Pascoaes ganhou junto deste subgrupo geracional, em especial de Cesariny e de Cruzeiro Seixas. É o bastante para valorizarmos esta linha de leitura e vermos nela um nó exegético fecundo. Como quer que seja, nem Pascoaes nem Gomes Leal, também este antologado por O'Neill, podem disputar a primazia a Cesário Verde, o antepassado recente que mais afinidade com ele mostra.

O ensaio de Fernando Cabral Martins, «À Luz da Ampola Miraculosa», entro-

sando várias pontas dispersas mas tendo sempre por fio condutor a questão do surrealismo na obra de O'Neill, é um contributo de monta para um problema que é talvez a abóbada de qualquer construção hermenêutica que se teça em volta da sua obra. A proposta — ler a obra de O'Neill dentro do surrealismo mas mudando-lhe o código — é sedutora e inteligente, acumulando num processo de decifração múltipla e devoradora elementos inespçados de grande pertinência na leitura, como esse desvio do título do filme de William Dieterle. A alteração do código em causa coloca ainda assim questões — a mais problemática e decisiva é saber qual a natureza do abjeccionismo português — que nos é impossível debater aqui. Diga-se só que há dois modos de recusar o surrealismo: um é ainda uma forma de o afirmar — e assim procederam Cesariny e Lisboa, aliás na linha do próprio Breton de 1929/30 —, outro é o seu abandono. Em O'Neill é difícil sustentar apenas o primeiro modo — evidente todavia na nótula de 1951. Com «Saudação a João Cabral de Melo Neto», ele incorpora nexos exteriores à tradição do surrealismo, que participam duma estirpe clássica, de fundo aristotélico e naturalista, que é de resto a de Cesário (como é a de Pessoa). São esses elementos, em que a poesia se nega como poesia, o dom se desacredita como dom, o prosaico afasta o mistério, a engenharia prévia da construção se impõe ao automatismo, que permitem e tornam legítimas em O'Neill um conjunto de leituras nada devedoras do surrealismo. Leia-se o fundamentado estudo de Joana Meirim, «Animais Modestos» (103-19), em que se chega a aproximar O'Neill de Philip Larkin — um poeta que é em tudo o contrário do que o surrealismo pede ao verso.

Uma última palavra para o ensaio de Gustavo Rubim, «A Violência dos Sig-

nos». Trata-se dum dos raros textos — é manifesta a qualidade ensaística da escrita do autor —, se não mesmo o único, com uma referência à crítica de Gaspar Simões. Surge esta a propósito do célebre poema «Caixadócios» de *Feira Cabisbaisxa* (1965), um poema que tem tudo para ser admirável. A ambivalência que aí se cria, entre a prescrição penal e o reconhecimento, é digna de nota. Resta-nos esperar que o autor possa agora trabalhar o tão enigmático fecho do seu texto em que se propõe, a propósito duma frase de Gerald L. Bruns, desenvolver o «laço entre poesia e anarquia» (183).

António Cândido Franco

NOTAS

[O Autor segue a antiga ortografia.]

- ¹ «Primeiros Poemas», recolha e nota de L.M.G. [Luis Manuel Gaspar], *A Phala*, Lisboa, Assírio & Alvim, n.º 88, Set. 2001, p. 78-79.

Miguel Real

TRAÇOS FUNDAMENTAIS DA CULTURA PORTUGUESA

Lisboa, Planeta / 2107

Ao parafrasear, no título do seu mais recente livro de ensaios sobre Portugal, o clássico opúsculo de Jorge Dias, *Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Miguel Real deixa claro que se filia conscientemente na tradição nacional de reflexão sobre o nosso modo de ser, ou melhor, de estar. Além disso, a utilização em epígrafe do poema de Ruy Belo «O Portugal Futuro» também evidencia que o estudo em presença, por mais científico e intelectual que seja, terá como objeto um país amado (nos versos do poeta vem dito: «é essa a forma do meu país / e chamem elas o que lhe chamarem / português será e lá serei feliz»). Esses versos têm o